

Introdução

Esta dissertação constitui-se num estudo morfológico sobre a questão produtividade / produção de padrões lexicais em textos literários. Tomou-se como base da investigação a obra “O Coronel e o Lobisomem”, de José Cândido de Carvalho, já conhecida por seu teor de inovação lexical.

Da leitura cuidadosa e levantamento de formações que poderiam constituir inovações lexicais em “O Coronel e o Lobisomem”, emergiram três tipos de formação morfológica: as sufixações com –ão e –oso e a prefixação com des-. Estas são as formações a que nos dedicaremos nesta dissertação, que faz uma análise lexicográfica da utilização destes padrões na obra de José Cândido de Carvalho e sugere que a utilização não é fortuita, já que parece representar iconicamente o discurso hiperbólico do coronel.

O trabalho toma como pressuposto a divisão colocada por Basílio 1990 e 1993 entre condições de produtividade e condições de produção, na esteira de Kastovsky (1986) e Corbin (1987), e propõe que obras literárias apresentam condições de produção especiais em relação a determinados padrões morfológicos de formação.

Ainda nesta introdução, fazemos uma breve menção ao autor e à obra, e definimos os vários passos de nossa abordagem. Na primeira parte do trabalho, daremos uma visão geral da morfologia lexical, tanto em seu tratamento tradicional quanto em relação a contribuição mais recentes, e focalizaremos especialmente a questão produtividade / produção. Em seguida, focalizaremos o tratamento dos estudiosos do português sobre os formativos –ão, -oso e des-. A parte central do trabalho consiste na análise das formações encontradas na obra “O Coronel e o Lobisomem”.

A parte final do trabalho resume nossas conclusões sobre o uso que o autor faz destes padrões de formação em sua obra, refletindo o discurso do coronel; e afirma a relevância da análise das condições de produção, ao lado da questão da produtividade, para um melhor conhecimento do léxico do português.

1.1

O autor e a obra

José Cândido de Carvalho (5 de agosto de 1914, Campos dos Goytacazes – 1 de agosto de 1989, Niterói), foi jornalista, contista e romancista. Admirador de Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, começou a escrever, em 1936, o romance “Olha para o céu, Frederico!”, publicado em 1939. Somente 25 anos depois de ter publicado o primeiro romance, José Cândido publica, em 1964, pela Empresa Editora de O Cruzeiro, o romance “O Coronel e o Lobisomem”, uma das obras-primas da ficção brasileira. “O Coronel e o Lobisomem” foi publicado também em Portugal e traduzido para o francês e o espanhol. Obteve o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira, e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil.

Eleito em 23 de maio de 1973 para a Cadeira n. 31, sucedendo a Cassiano Ricardo, foi recebido em 10 de setembro de 1974 pelo acadêmico Herberto Sales na Academia Brasileira de Letras. Colaborou em diversos jornais até poucos dias antes de sua morte, quatro dias antes de completar 75 anos.

Da bibliografia de José Cândido de Carvalho, doravante JCC, constam as obras “Olha para o céu, Frederico!”, romance (1939), “O Coronel e o Lobisomem”, romance (1964), “Por que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon”, contos (1971), “Um ninho de Mafagafos cheio de Mafagafinhos”, contos (1972), “Ninguém mata o Arco-íris”, crônicas (1972), “Manequinho e o Anjo de Procissão”, contos (1974), “Se eu morrer, telefone para o Céu”, contos (1979), e “Os Mágicos Municipais”, contos (1984).

“O Coronel e o Lobisomem” é narrada em primeira pessoa pelo personagem principal, o “Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases”, conforme especificação do próprio título. O herói de JCC é um coronel decadente que, num tempo que não é mais o seu, se debate entre a atração de um agrupamento semi-urbanizado e racionalizado (Campos dos Goitacases) e a vida do mundo perdido do interior, ainda estruturado em bases mítico-sacrais. Ponciano é reflexo de um período de transição entre uma república baseada nos mandos e desmandos de um pequeno número de pessoas bem relacionadas,

munidas de patentes militares e moradoras do interior, e do grande processo de urbanização ocorrido no século XX, que castrou esse retrógrado e datado sistema de relações.

É dotado de um discurso próprio, de inspiração militar, jurídica e regional. Rachel de Queiroz, em orelha da 46ª edição de “O Coronel e o Lobisomem” (Carvalho: 2000), observa que “no léxico de Zé Cândido não aparece nenhuma palavra que não seja possível, se ela não havia até aqui, estava fazendo falta”. A mesma autora, em prefácio à obra, afirma que JCC

vira e revira a língua, arrevesa as palavras, bota-lhes rabo e chifres de sufixos e prefixos, todos funcionando para uma complementação especial de sentido, sendo, porém, que nenhum provém de fonte erudita, ou não falada.

A obra de JCC não se constitui como simples invenção gratuita e pitoresca de palavras; há ali a utilização de uma liberdade léxica que se manifesta como necessidade expressiva da narrativa, atribuindo-lhe perspectiva e significado.

1.2

Procedimentos metodológicos

Primeiramente, procedeu-se à leitura analítica da obra, a partir da qual foi constituída uma lista com todas as formações de palavras que chamaram nossa atenção, seja pela estrutura, seja pelo emprego inusitado, organizadas conforme o tipo de operação morfológica que lhes deu origem.

Depois, avaliou-se a lista conforme a participação percentual de cada tipo na obra. Destacaram-se as formações com o prefixo des- e com os sufixos –oso e –ão. Decidiu-se então que a pesquisa recairia sobre elas.

Os excertos correspondentes a cada uma das formações dos três grupos foram construídos, e, em seguida, foi escolhido o Dicionário Houaiss, versão eletrônica de 2004, como fonte de consulta para a análise das formações. A escolha desta obra de referência deveu-se não só à robustez de suas análises lexicográficas, mas também a seu reconhecido papel como obra de referência para estudos da língua portuguesa.

Foram listados os verbetes correspondentes a cada uma das formações do corpus, os quais serviram como orientação para nossas ponderações sobre possíveis inovações lexicais na obra “O Coronel e o Lobisomem”.

Tratou-se, em seguida, das propostas de descrição da língua trazidas pela tradição gramatical, com vistas a mostrar que ainda há muito que se descobrir sobre as possibilidades de uso da língua portuguesa. Para tal, valemo-nos da orientação teórica de Basílio, 1990 e 1993, que propõe serem essenciais aos estudos de formação de palavras as noções de produção e de produtividade lexical. Encaminhou-se a pesquisa então para a análise do corpus, realizada à luz das proposições teóricas estudadas.